



8 *Olhares atlânticos de Jorge Antônio: A diáspora africana no espelho*

(Jorge Antônio's Atlantic Views: The African diaspora in the mirror)

(Miradas Atlánticas de Jorge Antônio: La diáspora africana en el espejo)

Marcos Rodrigues¹

1. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (1993), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (2002) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA (2009) com estágio sanduíche no Laboratório de Antropologia Urbana (CNRS França). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: urbanismo, cidade, mobilidade urbana, imagem da cidade e paisagens urbanas. Líder do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Mobilidade Urbana - NMob” (listado no Diretório do CNPq e certificado pela instituição) ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3860141473289587>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2363-8202>.

Resumo – Este texto apresenta o trabalho fotográfico do professor, pesquisador e fotógrafo Jorge Antônio, na comunidade de Praia Grande (Ilha de Maré), em Salvador (BA). Discute conceitos e os primeiros pontos de evolução da fotografia no Brasil. O objetivo é revelar a contribuição social da exposição fotográfica realizada na Universidade Obafemi Awolowo de Ilê-Ifé, na Nigéria, em 2007, cujas imagens passaram a compor o acervo daquela instituição. Em conclusão, as ilustrações confirmam a relação diaspórica entre os dois lados do Atlântico.

Palavras-chave: Fotografia; Diáspora africana; Ilha de Maré.

Abstract – This text presents the photographic work of professor, researcher and photographer Jorge Antônio, in the community of Praia Grande (Ilha de Maré), in Salvador (BA). It discusses concepts and the first points of evolution of photography in Brazil. The objective is to reveal the social contribution of the photographic exhibition held at the Obafemi Awolowo University of Ilê-Ifé, Nigeria, in 2007, whose images became part of that institution's collection. In conclusion, the illustrations confirm the diasporic relationship between the two sides of the Atlantic.

Keywords: Photography; African diaspora; Maré Island.

Resumen – Este texto presenta el trabajo fotográfico del profesor, investigador y fotógrafo Jorge Antônio, en la comunidad de Praia Grande (Ilha de Maré), en Salvador (BA). Discute conceptos y los primeros puntos de evolución de la fotografía en Brasil. El objetivo es revelar el aporte social de la exposición fotográfica realizada en la Universidad Obafemi Awolowo de Ilê-Ifé, Nigeria, en 2007, cuyas imágenes pasaron a formar parte de la colección de esa institución. En conclusión, las ilustraciones confirman la relación diaspórica entre ambos lados del Atlántico.

Palabras-clave: Fotografía; Diáspora africana; Isla Maré.



2. Uma versão deste texto foi apresentada como trabalho de conclusão da disciplina Iconografia e Imagens da Diáspora Africana, ministrada pelo Prof. Dr. Marcelo N. Bernardo da Cunha, em 2009. A elaboração partiu também das notas do caderno de campo.

*Se pudesse narrar em palavras,
não necessitaria arrastar
uma câmara atrás de mim.*

Lewis Hine

A construção deste relato se deu durante os preparativos de um projeto de pesquisa em uma disciplina pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia². Com a oportunidade de (re) conhecer a importância da leitura e interpretação de culturas através da imagem, a carência de estudos e pesquisas a respeito da construção da história, e do respectivo desenvolvimento entre nós, se faz notar a partir de elementos iconográficos. Na civilização ocidental, ao que parece, esse tipo de discurso, em se tratando de África e diáspora, na maioria das vezes, não ultrapassa o plano do exótico, sempre sob o olhar do observador estrangeiro viajante.

É um assunto geralmente explorado para deleite dos olhos de alguns, com fins turísticos ou para ilustrar pesquisas que se distanciam daqueles que serviram como objeto em foco. Além disso, é possível perceber, ao longo da história, os momentos raros

de alguma abordagem sobre a utilidade da imagem como instrumento identitário, testemunha ou auxiliar direto dos fatos pelo continente africano e na diáspora. Oportunamente, Peter Burke (2004, p.12) é enfático ao afirmar que “poucos historiadores trabalham em arquivos fotográficos”, considerando o volume de material existente em documentos escritos.

Ao que podemos observar, a realização de estudos através da imagem vem crescendo e despertando o interesse de pesquisadores. Geralmente, as atividades públicas nesse sentido não passam de catálogos de exposições ou de meras ilustrações de publicações sofisticadas sem um aprofundamento sobre o valor imagético apresentado. E com o desenvolvimento tecnológico, o referido material tem vida curta ou possui apenas a versão digital. Portanto, se os Estudos Étnicos evoluíram e marcaram seu lugar no espaço acadêmico, o que dizer de uma nova disciplina que se propõe a fazer leituras iconográficas?

A partir de nomes significativos como de Boris Kossoy e Manuela Carneiro da Cunha, no Brasil, é possível encontrar outros autores que incorreram pelo caminho de dar visibilidade ao universo afro-brasileiro das análises iconográficas. Na Bahia, são de grande importância os trabalhos de Olszewski Fi-



3. Graças a um convite institucional, o pesquisador esteve na Nigéria, onde passou a temporada também como curador do Museu Martin Aworinlewo Odeyemi, no Instituto de Estudos Culturais na Universidade Obafemi Awolowo.

MARCOS RODRIGUES

Ilha (1989) e de Bacelar e Pereira (2006), apesar da distância de tempo de publicação entre um e outro de mais de quinze anos.

Neste relato, pretendo apresentar o olhar fotográfico do professor, pesquisador e fotógrafo Jorge Antônio Batista³, na comunidade de Praia Grande (Ilha de Maré), em Salvador (BA), cuja dimensão vai muito além do estereótipo pragmático gerado pelo discurso turístico. De um só golpe de olho, é impossível sentir a força da imagem do contingente humano habitante da ilha. Nesta oportunidade, o objetivo é fazer um delineamento sobre a exposição fotográfica *Tão Longe, Tão Perto*, realizada pelo professor acima citado, na Universidade Obafemi Awolowo de Ilê-Ifé, Nigéria, em 2007, cujas imagens compõem o acervo da instituição. Por extensão, apresento também algumas imagens produzidas no país africano, onde pode-se verificar a relação diaspórica entre os dois lados do Atlântico. E vale dizer que todo esse material ainda se encontra inédito em território brasileiro.

A ideia de escrever sobre o acervo fotográfico de Jorge Antônio veio da inexistência de algum registro por parte da mídia local, nem antes nem depois da sua viagem ao oeste africano. O mais interessante é que o olhar sobre algumas imagens se-

leccionadas, apresentado como uma pequena mostra da imagem do negro no Brasil, acabou acolhido pelo Museu Martin Aworinlewo Odeyemi de Ifé.

Para analisar o referido trabalho, é preciso interpretar a imagem como um sistema de comunicação, ou seja, um conjunto de sinais entre as vertentes de significantes e significados, já que somos também produtores de imagens, e não apenas espectadores. Enquadrar e apertar o *clic* da máquina fotográfica é revelar um momento social, uma produção estética, um ideal político. Ademais, a fotografia, como elemento plástico, faz parte de um plano de informação estabelecido como instrumento ideológico.

Discutir imagem fotográfica é discutir o comportamento humano contemporâneo, portanto um momento histórico, aliás vários momentos históricos revelados pelas lentes de Jorge Antônio, que teve suas primeiras referências teóricas sobre o assunto nos textos de Susan Sontag e Roland Barthes. O fato é que a fotografia sempre exerceu um certo fascínio sobre a psicologia e a imaginação das pessoas, desde que as primeiras imagens foram produzidas no período imperial. Possivelmente, a motivação paradisíaca tenha atraído atenção dos primeiros interessados em registrar imagens do cenário brasileiro em desenho, gravura e fotografia. Para compor uma



MARCOS RODRIGUES

ideia da empolgação gerada pela fotografia, Bacelar e Pereira (2006) lembram que D. Pedro II foi o primeiro no Brasil a ter um equipamento fotográfico e o primeiro colecionador de fotografias nacionais.

O cultivo da imagem era privilégio das relações de poder, coisa de celebridades. Porém, na atualidade, diante de uma coleção tipo a produzida por Jorge Antônio, como explicar esse fascínio tanto do fotógrafo, quanto das pessoas fotografadas e de quem aprecia e analisa imagens? A expressão deixada por Confúcio⁴ de que uma imagem vale por mil palavras pode ir muito além, de acordo com a interpretação de cada leitura, mesmo porque, lembrando Kossoy (1980), a fotografia é uma fonte primária e serve às diversas áreas do conhecimento.

No contexto histórico, como é o caso, a fotografia se constitui um documento iconográfico sobre paisagens, pessoas e fatos de um determinado período. Ao discutir o assunto, Sontag (1983) opina que a fotografia fornece provas e que o ato de fotografar é a forma de comprovar uma experiência. Além disso, Barthes (1989) define que toda fotografia é um certificado de presença. Entre outras funções, a fotografia marca o passado, aproxima distâncias e o desconhecido e mantém viva a memória de um tempo, também não vivido. Na visão de Bacelar e Pereira

(2006), a fotografia vai além da mera representação do tempo e do espaço, fala por si e além das palavras, tendo em vista a sua autonomia performática. Assim, podemos dizer que a imagem oferece muitos outros recursos de leitura, independente do momento em que foi registrada.

Como elemento narrativo, a fotografia atrai para si uma relação dialética de leitura seja a partir do autor, seja a partir do espectador que aprecia a imagem como curioso ou estudioso do assunto. Da condição de documento à obra de arte, tornou-se um elemento que marca o registro histórico de um contexto sociocultural. Isso se dá graças ao olhar do fotógrafo e a perspectiva do objeto fotografado, resultando em situações dignas de leituras, estudos e valor afetivo documental.

Processo civilizatório invisível

Ao longo de mais de 500 anos, a Baía de Todos os Santos foi cenário de episódios relevantes da história brasileira. Alguns desses fatos foram relatados através da escrita ou mantidos na invisibilidade por não ser do interesse das elites nem das relações de poder. Assim, a imagem do lugar sempre foi de um discurso primário como local abençoado pela natu-



reza que nunca deixou de ser importante à discreta sobrevivência de seus habitantes, sabidamente esquecidos em algum lugar do passado.

Na Baía de Todos os Santos, está a Ilha de Maré, localizada em frente ao Porto de Aratu, uma extensão do subúrbio ferroviário de Salvador. Reúne uma população de baixa renda e de descendência africana, longe do desenvolvimento urbano e de qualquer política de inclusão social, econômica ou cultural. O local é uma mostra clara do descaso, do sentimento de exclusão e de invisibilidade social. A comunidade de Praia Grande por mais de quinze anos foi captada pelas lentes do historiador e professor Jorge Antônio. Depois de uma atividade realizada como curador, sobre trabalhadores negros na Feira de São Joaquim, ele tomou o rumo da ilha em 1992, quando começou a clicar as primeiras imagens da população local. Antes disso, sua relação com a linguagem fotográfica era só teórica. Porém, a prática se deu na comunidade e o mesmo confessa que seu apego ao discurso da imagem foi se desenvolvendo através do conceito de fotografia como fonte histórica.

A preocupação em fazer um registro contemporâneo da população negra da Ilha de Maré contribui para revelar uma face secularmente escondida. Ainda que a presença da imagem do negro tenha começado

a surgir através do desenho e da aquarela, segundo Olszewski Filha (1989), e os europeus chegaram à Bahia no século XIX para fotografar paisagem, gente e monumentos históricos, como bem mencionam Bancelar e Pereira (2006), a ilha, importante centro de produção econômica da época, não entrou no foco de suas objetivas. Esse aspecto faz lembrar o raciocínio de Miriam Moreira Leite citada por Borges (2005, p.91), quando diz que “o estrangeiro não tem compromisso com os valores da cultura observada”.

A característica básica da economia colonial era a exploração agrícola contra uma resistência negro-indígena. Possivelmente, pela localização da ilha, os viajantes não tenham chegado até lá para tomar notas em seus diários ou captar imagens. Através das informações obtidas e registros realizados por Jorge Antônio, sabe-se que não há material imagético algum que sirva de testemunha dos mais de 400 anos da Ilha de Maré.

Desde o nascimento, o ser humano cumpre a sentença de exercer o aprendizado da política do estereótipo, que consiste, ao longo da história, na visibilidade das populações oprimidas num formato diminuído fora dos padrões de legitimação. A população de Praia Grande, agora vista pelas lentes de Jorge Antônio, pode ser tomada como um dos maio-



res exemplos de aplicação dessa política pelo estado de direito. O conceito de cultura apresentado por Geertz (1989, p.10) pode auxiliar as leituras contemporâneas sobre o objetivo da antropologia de alargar o universo do discurso humano, e que “a cultura é um contexto dentro do qual os acontecimentos podem ser descritos com densidade”. Assim, as imagens do fotógrafo indicam um olhar de reparação orgânica sobre uma comunidade estigmatizada. Manter uma população invisível é simplesmente negar sua existência, é gerar a experiência da ignorância e do preconceito sobre seres sociais viventes no submundo do processo civilizatório.

Jorge Antônio gerou um acervo iconográfico que evidencia um momento para o futuro avaliar, ao contrário do que observa Burke (2004) sobre os artistas do passado, que não pensavam em futuros historiadores. A construção de imagens como testemunha pode incomodar, conforme lembra o autor, mas o nosso historiador segue na contramão da invisibilidade da população negra da Ilha de Maré. Além de servir como documento histórico, as fotografias possuem uma qualidade estética e oferecem subsídio para análises históricas, antropológicas, sociológicas, ambientais e urbanísticas.

Segundo o contexto exposto por Borges (2005),

Jorge Antônio mostra ter definido o que merece ser registrado na rotina da Ilha de Maré e o modo de preservar o viver desse cotidiano. O conjunto de imagens produzido traz o discurso, segundo o raciocínio de Foucault (2004), com vontade de verdade a respeito de uma realidade mantida numa condição marginal e obscura. Entre as centenas de imagens captadas durante todos esses anos, Jorge Antônio nunca esteve na vitrine da mídia, nem de instituições atuantes nas áreas da pesquisa e da difusão da cultura afro-brasileira. Na ilha, todos o consideram como fotógrafo da comunidade. Ele conta que, no início, observava que os retratos na parede das casas estavam se acabando. Com isso, passou a orientar sobre uma nova forma de conservar as imagens. A experiência de interagir com o grupo alterou a autoestima das pessoas. Antes, conforme explica, elas se achavam feias; agora pedem para ser fotografadas.

O maior contingente remanescente da escravidão na Ilha de Maré está em Praia Grande, com mais de 400 famílias, uma memória social construída ao longo do tempo e uma vida típica de zona rural. O lugar se apresenta pelo discurso de suas imagens. As fotografias de Jorge Antônio sugerem uma sombra de identidade das pessoas. As referências de origem africana estão representadas na reinvenção dos cos-



tumes por via da mestiçagem e da aculturação. No conjunto, revelam-se beleza, alegria, vida, dignidade, resistência, criatividade, dentre outros elementos que, certamente, não teriam ocorrido sem o encontro de culturas e seus desdobramentos.

A relação estabelecida entre fotógrafo e objeto fotografado por um olhar conterrâneo traz um local desconhecido pelo universo intelectual que passou a ser visto e registrado por alguém disposto a tornar a fotografia algo familiar para a comunidade. Essa ruptura de modelos buscando evitar o exótico certamente gerou uma situação de conforto entre fotógrafo e fotografado. E apesar do grande volume de informações em trânsito, a população de Praia Grande ainda pouco se vê.

No conjunto, é possível perceber o olhar etnográfico advindo da consciência do historiador. Poderia ser o olhar de um estrangeiro sobre as nuances exóticas da ilha que iriam saltar aos olhos do mundo afora. Nas paisagens clicadas, estão focadas cenas espontâneas ou produzidas na vida rotineira das pessoas em atividades de trabalho, domésticas, festivas, esportivas e rituais religiosos. O formato quase anônimo das imagens guarda uma relação de identidade e alteridade entre observador e objeto. O pensamento de Burke (2004) ilustra bem essa rela-

ção dialética ao lembrar a existência do olhar do outro no contexto de uma mesma cultura através dos aspectos da diversidade e do distanciamento como testemunhos da imagem. O exercício fotográfico tem um resultado de satisfação para ambos (fotógrafo e fotografado), uma vez que antes havia a recusa da própria imagem. Atualmente, todos pedem para ser fotografados a qualquer momento.

O discurso da exposição

Eis que ocorre o convite para um breve intercâmbio na Nigéria. A exposição intitulada *Tão longe, Tão Perto* estava pensada, mas faltava o discurso textual para acompanhar as imagens fotográficas. Era preciso organizar algo de forma didática sem intenção de tornar o material prolixo e que, com um número significativo de imagens, pudesse passar uma ideia clara da diáspora africana no outro lado do Atlântico. Jorge Antônio convidou o autor destas linhas para escrever os textos que acompanhariam a mostra.

A primeira pergunta foi: o que escrever diante de um vasto material para um determinado momento, antes nunca pensado? A segunda: Haveria uma forma de facilitar o trabalho de seleção de



5. Fonte de todas as imagens:
Jorge Antônio

MARCOS RODRIGUES

imagens e escrever a respeito delas? Após alguns dias de reflexão, apresentei um esboço de como o material deveria ser selecionado e já dividido em cinco painéis temáticos, cujo cenário tivesse alguma familiaridade aos olhos nigerianos. E assim, construimos a exposição com a representação de objetos da Paisagem, do Transporte, de Gente, do Trabalho e das Manifestações Populares. Selecionadas as fotografias, cada painel deveria ter um texto de dez linhas em média. O discurso serviu de reforço às imagens com o papel de evitar a verdade mascarada como símbolo da cultura exportação.

Mas, o que se poderia identificar como imagens da diáspora no material da exposição *Tão Longe, Tão Perto*? A perceber pelo exotismo, poder-se-ia dizer que tudo, a exemplo do que ficou convencionalizado como cultura africana. Divulgam-se os valores africanos como um produto homogêneo, por aqui, e nunca os valores da diáspora de retorno na matriz. O convite feito pelo professor nigeriano Felix Ayoh'Omidire foi exatamente no sentido de que, nesse período de acordos de cooperação, muitos africanos estão vindo para o Brasil e poucos brasileiros estão indo para a África. É hora da reparação. E o que apresentar de mais significativo do que resta entre nós para aqueles de quem herdamos uma parte da cultura transplan-

tada do outro lado do oceano? Assim, foi possível perceber como a fotografia desafia a noção de tempo e espaço para um olhar de leitura e interpretação.

O material organizado levava o recado desejado, com o poder e a oportunidade de uma resposta mantida tanto tempo a muitas milhas de distância. A observação de Foucault (2004, p. 14) vem a calhar sobre a questão do saber em nossos discursos, ao dizer que “essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história (...) é algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se”. E assim, as fotografias da diáspora⁵ atravessaram o mar com o discurso textual a seguir.

Paisagem

A Ilha de Maré está localizada na Baía de Todos os Santos e pertence ao município de Salvador. É uma oportunidade única conhecer seu estado ainda primitivo, como uma extensão da periferia da terceira cidade mais populosa do país. Depois de atravessar meia hora de barco sobre um mar calmo e azul, o desembarque na água é o primeiro desafio. Parece outro mundo que se aproxima e nos faz imagi-

nar que estamos a caminho do paraíso. O mar ajuda a tornar a paisagem de pedras um cenário único.

A história da ilha começa com a chegada dos europeus dispostos a explorar a costa do Brasil. Fontes históricas informam que já no século XVI, havia três engenhos na Ilha de Maré. Atualmente são oito povoados: Botelho, Santana, Praia Grande, Neves, Itamoabo, Bananeira, Porto dos Cavalos e Martelo. Os três maiores são Santana, Itamoabo e Praia Grande.

Figura 1



Figura 2



Transporte

O barco é o único meio de transporte para chegar à Ilha de Maré, que não tem terminal de embarque e desembarque. Chegando lá, o passageiro, morador ou visitante, deve encarar a diversão de descer do barco, se molhar para chegar em terra. Crianças, jovens, adultos e idosos, todos passam por essa rotina. Para sair de lá, é preciso contar com a boa vontade dos condutores dos barcos.

O barco é o único meio de transporte, que funciona precariamente, num trajeto de meia hora entre o terminal de São Tomé

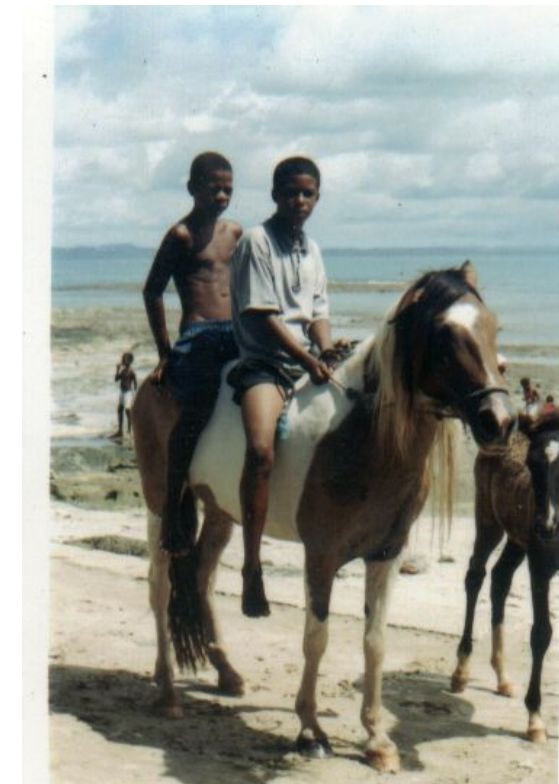
de Paripe, no extremo norte da Avenida Suburbana, em Salvador, e as áreas mais habitadas, que não possuem terminal de embarque e desembarque. As dificuldades de acesso são encaradas rotineiramente por crianças, jovens, adultos e idosos, com muita resignação ou relativa naturalidade. Não há horários fixos nem pra ir nem pra voltar.

Para se deslocar pela ilha, deve-se ir de jêgue ou a pé, o que é mais comum entre os nativos. Quem pode também faz o trajeto de barco, claro, passando pela água. Os caminhos geralmente são pela praia ou pelos acessos de barro entre a vegetação. Caminhar entre as comunidades da Ilha de Maré dá a impressão de estar em alguma parte da costa africana, devido às semelhanças da paisagem.

Figura 3



Figura 4



Gente

A localidade de Praia Grande lembra o Brooklin, bairro negro de Nova Iorque, com uma diferença: o estado de miséria mais acentuado. A negritude é a prova do passado escravo, de uma comunidade remanescente da senzala, numa outra etapa de vida, buscando se manter já sem nenhum traço de referência cultural. É uma gente espontânea, de vida tranquila e alegre, sem nenhum tom de consciência política, mas buscando sempre manter a esperança de um dia melhor.

Algumas casas delineiam a vida pacata típica de um povoado. O semblante das pessoas mostra o ar de província do lugar, a simplicidade, mesmo com a presença dos veranistas. A Ilha de Maré mantém traços evidentes de um passado histórico marcado por movimentos migratórios. Muitos até desconhecem esse passado, não muito distante, vivido pelos seus ancestrais. Qual a rotina dessa gente? O que fazem com as heranças culturais? A troco de que tanta espontaneidade e alegria? Que fim levou a história dessa gente? O dia-a-dia vale pelo simples ir e vir ou ela falta de sustentabilidade social? São questões que

pairam diante de nossos olhos sem uma resposta imediata.

Figura 5



Figura 6



Figura 7

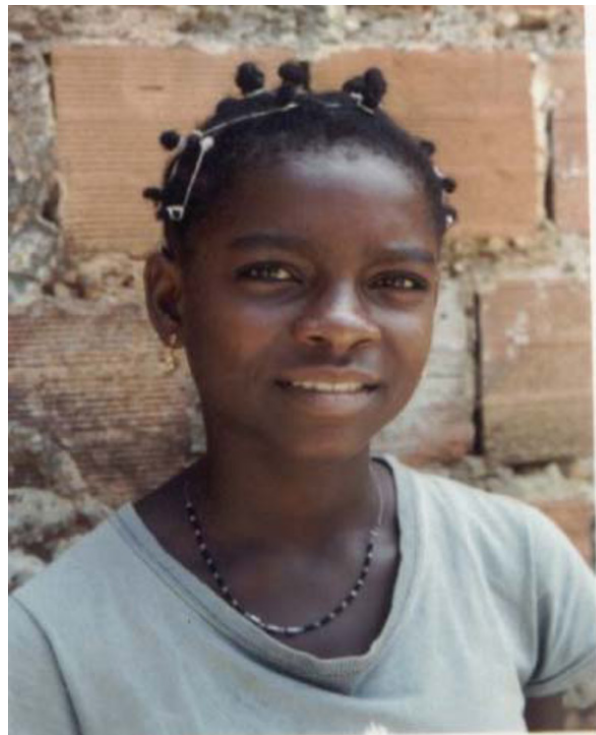


Figura 8



Trabalho

Qual a perspectiva de vida de quem mora na Ilha de Maré? Como essa gente quebra a monotonia durante dias, semanas, meses, anos? De tudo se faz um pouco para sobreviver. A renda de bilros é uma atividade típica das mulheres. Não é difícil localizar na comunidade de Santana algumas delas fazendo renda na porta de casa. Trabalho artesanal muito delicado exige muita dedicação, mas nem sempre é valorizado à altura.

Uma herança do passado, certamente, é a produção de cestos que antigamente seria para transportar açúcar. Após a Abolição, ex-escravos passaram a fabricar e transmitiram tal conhecimento a gerações mais novas, como forma de sobrevivência. A cestaria é uma atividade desenvolvida apenas em Praia Grande. A matéria-prima, a cana-brava, é espécie nativa da Mata Atlântica costeira. Os cestos e balaies são produzidos de forma artesanal: limpeza do material com faca e dedeira, corte e limpeza das taliscas e confecção das peças. Em várias casas, as pessoas produzem a cestaria de terça a sexta-feira, dia em que a produção é enviada

para ser vendida na Feira de São Joaquim e áreas vizinhas. Paga-se muito pouco pela produção, e assim percebe-se uma falta de interesse dos mais jovens em continuar exercendo tal atividade, procurando então outras formas de subsistência.

Figura 9



Figura 10



Manifestações Culturais Populares

O pertencimento da ilha ao município não impede a sua exclusão do desenvolvimento urbano. A comunidade de Praia Grande possui um calendário de atividades culturais e religiosas que atrai também visitantes de outros locais. A maior delas é a fes-

ta das Neves, realizada no mês de agosto, quando todos se deslocam para o povoado onde está uma das mais antigas capelas do período colonial. A organização de sambas de roda e afoxés torna o local típico, longe das relações de poder e da grande mídia. Assim o carnaval com máscara, procissões, entrega do presente no mar, corrida de canoas, também são expressões da cultura que se mantém de modo bem tradicional.

A população de Praia Grande mostra sinal de vida, animação e criatividade em suas manifestações. Tocar tambor é um legado de geração a geração, além de cantar e sambar. As brincadeiras são mantidas graças à dinâmica cultural dos grupos para ali deslocados desde o primeiro momento até a contemporaneidade.

Figura 11



Figura 12



Contraponto

A Exposição *Tão Longe, Tão Perto* foi recebida pelos nigerianos como referência patrimonial. A imprensa local noticiou o fato com notável interesse.

O trecho da nota que segue foi um exemplo que conseguimos.

Pró-reitor elogia curador brasileiro

(...) o professor Cookey declarou aberta a exposição de fotografias organizada pelo curador visitante brasileiro no pátio da universidade. Ao expressar palavras de exibição, o vice-reitor da Universidade de Ifé, Michael Faborode, descreveu então como uma fantástica viagem de interrelação da cultura do povo iorubá na Nigéria às pessoas de Salvador (Brasil). (OBAFEMI AWOLOWO UNIVERSITY, Ilê Ife, Nigéria, 2007)

seguir, é oportuno apresentar algumas imagens captadas pelas lentes de Jorge Antônio em território nigeriano, selecionadas como contraponto ao que foi exposto lá. Sem produção prévia, algumas situações foram encontradas espontaneamente no cotidiano de Ilê-Ifé. Na sequência, temos o Porto de Badagri, local de partida do contingente capturado na região para ser escravizado na América. A imagem das crianças é muito familiar aos nossos olhos. A postura física das pessoas também.

No setor do trabalho, a imagem da arte manual da cestaria aparece como um sinal de raiz. E as festas populares não deixam dúvida sobre as práticas da diáspora, a exemplo do Ifà Festival, onde lideranças religiosas se encontram num evento público. Sem querer traçar nenhum paralelo, mesmo porque uma exposição não foi feita aqui no Brasil, o inte-



MARCOS RODRIGUES

resse foi apenas esboçar um relato da experiência com imagens da diáspora, a partir de um trabalho ainda inédito entre nós, e algumas coincidências ou contrapontos vistos por lá. Assim temos a chance de ver o reflexo da matriz vivenciado do outro lado do Atlântico, como se fosse a diáspora no espelho.

Figura 13



Figura 14

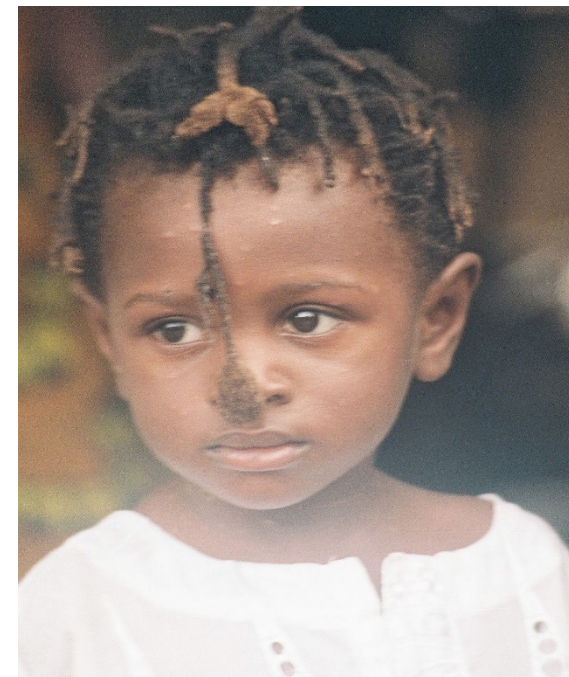


Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18



Figura 19





Figura 20





Referências

BACELAR, Jeferson. PEREIRA, Claudio. **Bahia negra na coleção do Tempostal**. Salvador: P555 Edições, 2006.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Lisboa: Edições 70, 1989.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**. São Paulo: EDUSC, 2004

FILHO, Luís Viana. **O negro na Bahia**. 2ª ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1976.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 10a. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

KOSSY, Boris. **A fotografia como fonte histórica**. S. Paulo, Secretaria da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo, 1980.

OLSZEWSKI FILHA, Sofia. **A fotografia e o negro na Cidade do Salvador**. Salvador: Fceba/Egba, 1989.

PORTAL Obafemi Awolowo University Ile Ife, Nigéria. **Pró-reitor elogia curador brasileiro**. Disponível em: <<http://www.oauife.edu.ng>> Acesso em: 18 jun. 2009.

SONTAG, Susan. **Ensaaios sobre a fotografia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Arbor, 1983.

